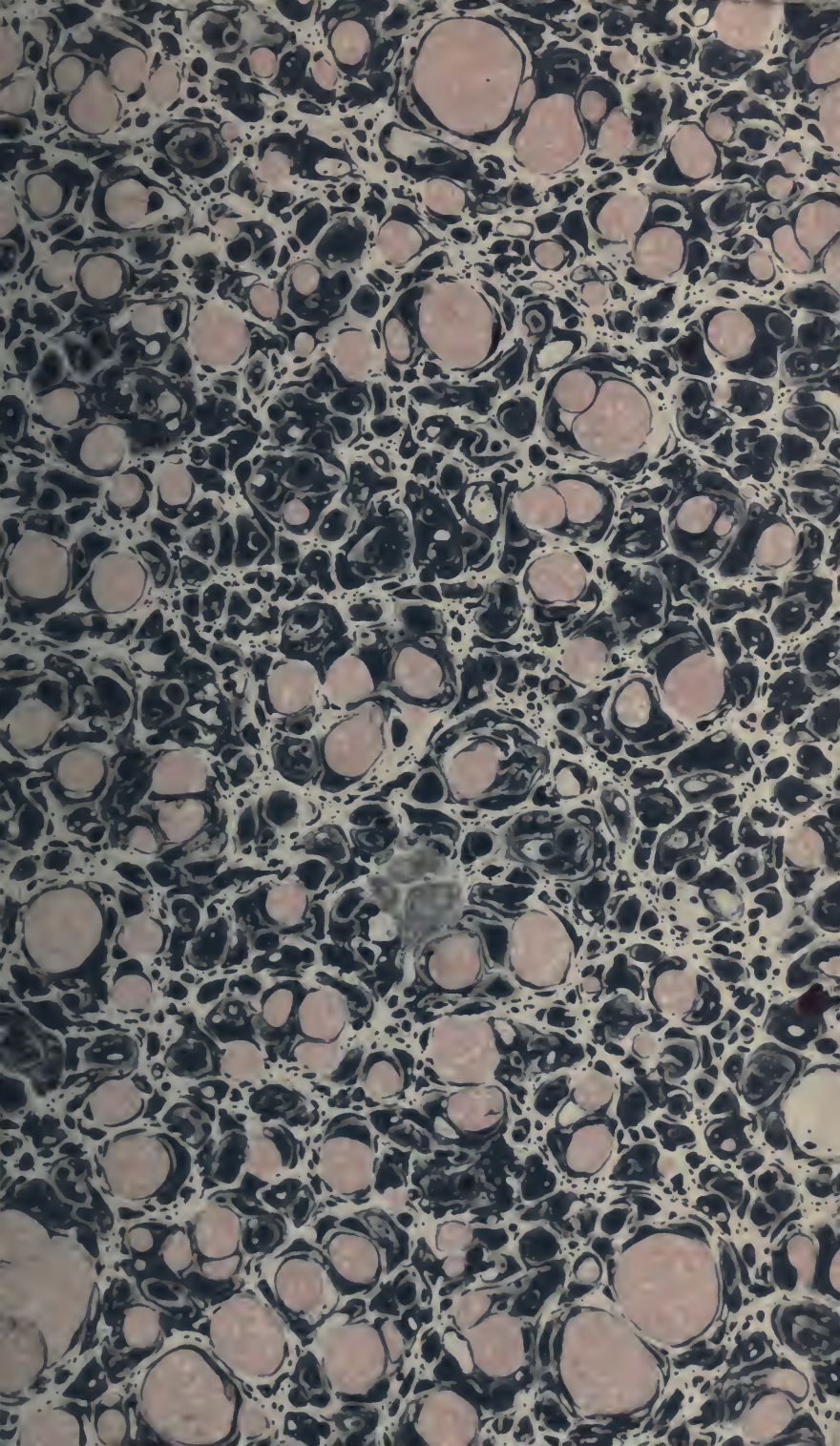
Lisboa, Vicente de Santa Rita
Oracão funebre... d. Pedro d'Alcantra, imperador do Brazil.

ORAÇÃO FUNEBRE

QUE

NAS EXEQUIAS DO MUITO ALTO E PODEROSO SENHOR

D. PEDRO D'ALCANTARA,

IMPERADOR DO BRAZIL,

REI, REGENTE, E RESTAURADOR DE PORTUGAL,

RECITOU NO DIA 24 DE OUTUBRO

NA BASILICA DE SANTA MARIA MAIOR

EM PRESENÇA

DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

A SENHORA D. MARIA II.

DE TODA A CORTE,

E DE HUM NUMÉROSO CONCURSO DE CIDADÃOS,

E RESPEITOSAMENTE DEDICA

A' MESMA SENHORA

SEU AUTHOR

VICENTE DE SANTA RITA LISBOA,

PRIOR DA FREGUEZIA DE S. MAMEDE,

E PREGADOR REGIO.

LISBOA: 1834.

NA IMPRESSÃO DE GALHARDO, E IRMÃOS.

Justitia indutus sum, et vestivi me, sicut vestimento et diademate judicio meo: oculus fui cæco, et pes claudo: Pater eram pauperum, et causam quam nesciebam, diligentissime investigabam: conterebam molas iniqui, et de dentibus illius auferebam prædam.

Job cap. 29.

SENHORA

Escolhido por V. Magestade para prégar nas Exequias de Seu Augusto Pai, obedeci como devia, apezar de conhecer a minha insufficiencia para o desempenho de tão espinhosa, como arriscada empreza. Não attendi á grandeza do objecto, olhei só para os sentimentos d'amor e respeito que tributei, e ainda tributo ás cinzas de tão grande Principe, e então, cego d'amor proprio, apparecì em campo, e pensei fazer hum novo serviço á minha Patria descrevendo as acções do meu Heróe, e mostrando aos meus compatriotas o muito que lhe devemos. Não sei se consegui o fim a que me propuz na Oração Funebre, que recitei, e que dedico a V. Magestade: o público o decidirá.

Os presentes não precisão deste monumento, que erijo á sua memoria, mas os vindouros o verão com arrebatamento, e dirão com saudade = O Senhor D. Pedro foi o maior Rei que teve Portugal, nossos pais o possuírão; mas a nós só chegou a fama de suas virtudes! Admiremos a sua grandeza, e rogue-

mos a Deos pela sua Alma. = He feliz o Principe, que depois da morte merece ser chorado pelos homens: o Augusto Pai de V. Magestade teve este dom; em quanto vivo arrebatou os Portuguezes com suas acções heroicas; depois da morte, nós lhe tributamos os puros votos de admiração, e de respeito. Deos o tenha em sua gloria, e a V. Magestade em sua santa guarda, como lhe pede, para bem da Nação Portugueza, este que tem a gloria de ser

De V. MAGESTADE

Subdito o mais fiel e obediente

Vicente de Santa Rita Lisboa.

ORAÇÃO FUNEBRE.

Quando, Senhores, collocado nesta cadeira dos Profetas levanto a minha voz quasi desfallecida, para consolar os mortos, aturdir, e consternar os vivos: quando ao lugubre som da morte se me antolha o caminho, que conduz os homens á Eternidade, e cujo écco sempre horrisono, e sempre firme nos annuncia o mundo como hum theatro de miserias, onde a vida he hum jogo, e a morte hum bem; onde se teme este bem, e se aprecia muito mais o mal, que naturalmente soffremos em quanto a vida nos dura: quando contemplo a luta em que se envolve a mesquinha natureza humana, que agitada sempre debaixo de combates violentos com que não póde, verga, ouvindo apenas huma voz ameaçadora, que lhe diz = acaba porque não es eterna = e vejo acabar-se o tempo, e chegar a Eternidade! digo comigo mesmo = como he feliz o mortal cuja vida he hum tecido de virtudes, e cujos passes na campina do mundo não brotárão senão flores, com que a Providencia enfeita depois da morte a mimesa cabeça do vencedor!

O' morte, morte inexoravel, só a esperança d'outra vida póde ensinar-nos a não temer-te! Levanta muito embora o teu braço descarnado, mostra-nos a tua fouce, deixa-nos vêr-te qual tu es; tu não atemorizas o Philosofo Christão, que armado do impenetravel escudo da Fé, ainda quando fica ven-

cido, apparece triunfante. Não o duvideis, Senhores, a morte não he outra cousa mais do que o principio d'outra vida, que o homem justo não morre, elle vive eternamente diante de Deos, e na presença dos homens. Piamente devemos crêr, que o Grande Principe que teve o poder, e a fortuna de mudar nossos destinos, e de nos tornar livres sendo nós escravos, gosa, depois da morte, a corôa de gloria, de que se fez digno em sua vida. Chora-o a patria terra que o vio nascer, porque lhe faltou quando ella ainda precisava do seu valor, da sua espada, e da sua presença para ser grande; mas deixou-se reproduzido em huma Rainha, que supposto não tenha as forças, nem a intrepidez de seu Grande Pai, não deixará de ter hum coração como o seu, capaz de promover o bem geral, e de fazer repousar á sombra da lei, e da justiça os immensos póvos, que o Ceo confiou ao seu cuidado. Com tudo, sem milagre ha de custar a sustentar o Templo, havendo-se-lhe arrancado a principal columna; e esta perda he a que desperta hoje a nossa dor, e amante saudade.

Morreo, sim Senhores, morreo aquelle Grande Principe, que foi o ornamente do seu seculo: aquelle Philosofo insigne, que havendo nascido para as grandezas, abdicou duas corôas, e se mais possuíra mais abdicára: aquelle General invencivel, que coroou o seu exercito de tantas victorias quantos os combates, que immortalisou seu Nome, e que se remontou a huma esfera a que poucos heróes chegárão, e que nenhum ainda excedeo. Triste Portugal, chora a tua orfandade, rasga as tuas galas, cobre-te de pesado luto! O Dador da Carta, o Restaurador das liberdades patrias, o verdadeiro amigo dos Portuguezes, foi victima da morte! Já não existe o Senhor D. Pedro 4.º Rei, Regente e Restaurador de Portugal! Oh dor, dor tormentosa, mil vezes

mais cruel que a mesma morte! Deos permittio que se escondesse este mimoso astro nas sombras do seu ocoaso, pagando á morte o seu tributo: para este fim nascemos todos. A mirrada, mas inexoravel mão da morte a ninguem perdoa; do throno arranca os Principes, assim como da cabana os pastores; enfeixa os sceptros, e cajados, e com igualdade os quebra e despedaça, reduzindo tudo a soltas cinzas. Segundo a ordem invariavel de todos os decretos o nosso Heróe devia pagar á morte o seu tributo, elle o pagou, e hoje nada mais nos resta do que a lembrança das suas virtudes, e o grande pesar da sua perda. Em qualquer de suas acções que eu toque, vereis brilhar a sua grande Alma. Eis aqui o triste objecto sobre que se vai firmar o meu discurso, que não será eloquente, mas será tocante.

Triste mausoléo, sombras funebres que encheis todo este Templo! gemidos tristes, que retumbais nas abobedas deste Sanctuario, e que nos annunciais a morte do Forte de Israel, fazei pausa por hum pouco! deixai-me cevar só em minha dor! Eu vou levantar-me a cima da morte, e dictar desenganos ao mundo: mostrar o homem no cume da grandeza, e dahi a pouco dormindo no seio do nada. Mortais, aprendei esta lição: oxalá que ella aproveite! Eu principío.

Ninguem póde, nem deve duvidar, que ha huma Providencia, que vigia sobre todos os póvos do universo, e que Deos, quando quer castigar o mundo, envia-lhe verdugos que o assolem, e destruão; e quando quer felicitar alguma Nação manda-lhe hum Principe docil, e affavel; hum Rei Philosofo, que tendo em pouca monta a grandeza que o cerca, só encontra gloria em beneficiar a humanidade. Todos os seculos tem os seus prodigios, se os homens os

quizerem conhecer, e admirar. Elles não escapão á perspicacia, e penetração do homem sabio, que através do passado e do futuro, não poucas vezes descobre raios de luz; que lhe mostrão o quanto Deos póde, e o muito que o homem val se não contraría os designios da Providencia. Os Reis, que em Israel deslumbrados pelo esplendor do sceptro, sacrificavão ao idolo da fortuna, baqueárão no centro da grandeza, caírão de seus thronos; e o sabio não ouvio mais do que o estrondo da sua queda. Alguns até quizerão tirar á Divindade as adorações, que só á Divindade pertencião; mas Deos que não deixa impune o crime, e que algumas vezes castiga os peccados dos Reis com a destruição dos póvos, flagellava huns e outros até ficar inteiramente satisfeita a sua justiça.

Desgraçados os Reis, cujo throno não tem por base a justiça e amor de Deos; infelizes os póvos que se não regulão pelos dictames da prudencia, e da razão. A rectidão de huns, e a mansidao de outros fórma o colxete que prende as vontades, encadeia os animos, suavisa os trabalhos, adoça as penalidades, e dá huma firmeza inabalavel á mola real, que sustenta os governantes e governados, formando a harmonia tão necessaria nas sociedades humanas, e que conserva em equilibrio o esplendor dos thronos, e a prosperidade dos Estados. Hum Rei, que só he Rei para enfeitar-se com a purpura, e dar mais livre pasto ás suas vontades sem consultar se nascem de hum bom, ou máo coração, longe de reputar-se huma dadiva do Ceo, deve olhar-se como hum raio, que Deos envia á terra para desmoralisar, entorpecer, e destruir a raça humana. Os caprichos de hum despota produzem guerras, assolão provincias, devastão reinos, infelicitão póvos,

e levão comsigo a destruição, e a morte. Ninguem póde descançar á sombra de arvores, cuja raiz se cimenta e engrossa em huma terra envenenada: tanto os fructos, como a sombra não podem deixar de ser funestos á humanidade.

Portugal tem sido preservado deste castigo, e podemos gloriar-nos de haver recebido da Providencia hum destino mais venturoso. Se alguns de nossos Reis (falo de Reis, e não de usurpadores.) tem sido mais amigos de suas commodidades que de seus póvos, de suas prerogativas que de nossas liberdades, ao menos não tem sido tyrannos, e os Portuguezes, debaixo do seu imperio, se não achárão a gloria, ao menos desfructárão a paz. Senhores, estamos chegados á época, que vai abrir hum novo caminho de gloria á Nação Portugueza, mostrando-nos assentado no Throno de Portugal hum Rei Philosofo, que pela sua filantropia, por sua coragem, por seu amor á gloria deixa como que espantados todos os Reis seus predecessores, e leva ao ultimo gráo a admiração de todos os Monarcas da Europa; Principe Soberano de huma nova especie, Rei Philosofo de hum pensar, e sentir que não tem exemplo nas historias do mundo conhecido, Deidade... que se não houvesse Deos, mereceria ser adorado pelos homens: O Senhor D. Pedro 4.º, Rei de Portugal, e unico digno de o ser.

Filho primogenito pertence-lhe a corôa destes Reinos por morte de sei pai, cinge a corôa, e dá logo a Carta; marca o seu reinado concedendo aquelle bem, que o Senhor D. João 6.º promettêra aos Portuguezes; mas que lhes não deu, ou por demaziado frouxo, ou por influencia de aulicos, inimigos declarados da Lei, da Patria, e do Throno. Os Portuguezes são meus filhos, diria o Senhor D. Pedro

em seu magnanimo coração; eu quero levantallos á dignidade de homens livres; he minha gloria tirar de mim, para dar a elles: em outro tempo os Reis tirárão aos póvos as regalias que lhes pertencião, agora os póvos tornem a possuir as regalias, que os Reis lhes tirárão: eu lhas restituo. Tenho mais gloria em ser pai que tyranno, em ser amigo que verdugo. Que importa que desça alguns degráos do Throno, quando as bençãos dos homens hão de eternizar minha memoria! O' Principe portentoso! Nada te pedem os Portuguezes senão que acceites a corôa, que de justiça te pertence; e tu, abrindo teu coração generoso, dás-lhes a Carta, que deve fazer a sua felicidade se a souberem conservar!

Talvez, Senhores, me façais hum crime por não remontar agora a minha imaginação ao começo da gloria do nosso Herόe até chegar ao extremo de lançar hum denso véo sobre todos esses monumentos de grandeza, que elle levantou ao seu Nome, quando Imperador do Novo Mundo. O Imperio do Brazil, que fez renascer das suas cinzas, recebeo tudo da generosidade deste Principe, e pagou-lhe mal: deixemos aos ingratos o arrependimento, se he que são capazes de o ter, que nós temos em o nosso Heróe com que despertar a admiração do mundo, e encher as longas paginas da sua historia. Como Rei de Portugal, eu não vejo nas historias antigas e modernas quem o excedesse, nem como General o igualásse. He natural no homem, ainda quando collocado no alto cume da grandeza, desejar subir a maior altura: o nosso coração tem huma propensão natural para a ambição, he insaciavel em seus desejos, e no mundo não ha grandeza, riqueza, ou dignidade que o satisfaça: a posse de huma corôa he incentivo para desejar outra, e tantas mais se possuem

+ Termo em impro

quantas mais se desejão. Alexandre até chora por não haver mais mundos para os conquistar; e no nosso seculo, hum Napoleão achava diminutas as corôas da Europa, para enfeitar sua cabeça. Os seus apaixonados chamárão-lhe Philosofo; mas a sua ambição desmascarou a sua philosofia. Ha hum unico Philosofo que assentado no Throno emparelha as suas palavras com as suas obras, he o Senhor D. Pedro 4.°, e apesar dos zoilos da sua gloria provará até ao fim da sua vida, que achava mais esplendor e valia em huma corôa de loiro, merecida pela sua espada, do que nos diademas com que o nascimento, e a fortuna havião adornado a sua cabeça.

Aquelle, que pela sua alta comprehensão tinha profundado e conhecido o coração do homem, dá-lhe o que elle mais appetece neste mundo, que he a liberdade, aquella liberdade com que Deos o creou, e que na opinião dos Theologos, o constitue capaz de merecer, ou desmerecer; e não contente de quasi nivelar-se com seus subditos, abdica a corôa de Portugal em sua Filha Primogenita, sendo duas vezes Grande, huma quando nos dá a Carta, que tanto desejavamos, outra quando nos dá a Rainha, que tanto appeteciamos. Que grande Rei! E que grande Pai! Talvez que não escapassem á sua alta comprehensão os penosos, e continuos trabalhos que lhe havião custar estes dois thesouros, que deaya aos Portuguezes, mas para seu coração magnanimo não havião difficuldades insuperaveis; e tanto maiores obstaculos encontrava na pratica do bem, quanto mais se maravilhava em praticallo. Estamos chegados a outra época, que desdoira alguns filhos degenerados desta Nação, e lança o ferrete da ignominia em alguns Gabinetes da Europa, mas que fará realçar a Alma do nosso Heróe, seu grande genio, seu inimitavel valor.

A arvore da Liberdade, que começava a prosperar nestes Reinos em 1826, tinha inimigos mui poderosos: ao longe metralhava-se o seu tronco, e ao perto escalava-se a sua raiz; o ferro, e o fogo declarárão-lhe huma guerra espantosa, a inveja e o fanatismo minárão a terra que a sustentava. Pobre arvore! Tu cairás: furacões immensos te despojarão de teus ainda pouco vigorosos ramos; tuas folhas serão crestadas; teu tronco, e tua raiz serão queimados pelo fogo da intriga; e quando te desfizeres de todo apparecerá a fera, que similhante áquella de que falla S. João no seu Apocalypse, com suas farpantes unhas arrancará da cabeça da nossa Joven Rainha o diadema, que a adornava. O' Deos! que mal vos fizerão os Portuguezes, para lançar sobre elles hum tão tremendo castigo? Não bastava fazernos entrar na fornalha da tribulação, até esgotar o calix da amargura pelo espaço de seis annos, era preciso para augmentar nossos desgostos vêr atropelada a innocencia pelo crime, a pomba pelo açor cruento, a mansidão pela tyrannia? Não temais, Senhora, o Rei dos Reis quer provar vossa constancia, e pouco tardará, que a espada de dois gumes de vosso grande Pai não castigue, como a de Ezequiel, o usurpador, e os seus complices.

Cinzas do Heróe da Patria, que ainda quentes fumegais no jazigo de vossos antepassados, soffrei que eu perturbe por hum pouco o repouso, que gozais entre os mortos, para chamar a attenção dos vivos, e mostrar-lhes o muito que vos devem. Eu quero reanimar-vos, e chamar-vos á vida. Oh! quam feliz eu sería, se pudesse obrar este prodigio! Não sou Elias, mas vós formareis hum Josué, que fazendo parar o sol na sua carreira, para admirar vosso valor, cantareis tantas victorias quantos os comba-

tes, e cingireis tantas corôas, quantos os triunfos, que alcançastes de nossos inimigos!

A Europa, Senhores, ainda não conhecia bem o nosso Heróe, nem alcançava o que valia, era preciso que o visse de perto, e que admirasse a sua grande alma, sem se metter de permeio o Oceano: elle apparece, e a Europa fica espantada. Que pertenderá este Principe, dirião os Soberanos a quem a desgraça ainda não ensinou a conhecer os homens? Que intentará fazer sem esquadras, sem exercitos, e sem dinheiro, contando apenas com hum punhado de homens, que ou já defecados por huma longa expatriação, ou collocados no cimo de rochedos, parece terem morrido para os combates? Vós admirareis hum novo prodigio, e no meu Heróe vereis brilhar muitos Heróes. Vencer exercitos com exercitos, derrotar esquadras com esquadras, não dá grande renome ao vencedor; o que immortaliza o General he, com poucos vencer muitos, e com pequenos recursos emprehender grandes acções. Scipião não faria tão celebre o seu nome no mundo, se não vencesse tantas difficuldades, e com seu pequeno exercito, comparado com aquelles que tinha a combater, não assoberbasse as Aguias Romanas, pondo em assedio a mesma Roma. E que foi Scipião á vista do nosso Heróe? Aquelle General achou no seu governo hum soccorro prompto em vasos, homens, e dinheiro; o Senhor D. Pedro, para se pôr á testa do seu pequeno exercito, não encontra senão difficuldades levantadas.... quem tal diria! até pelos seus, mas que elle sabe superar com huma constancia, e paciencia sem exemplo. He então que eleva a sua alma a huma esfera a que poucos heróes serião capazes de chegar, e immortaliza o seu nome pelos mesmos caminhos, que os seus emulos julgavão que o perdião.

Era Portuguez: a Providencia precisava do seu braço para castigar a soberba desenfreada; desembainha a espada em Bellile, e o mesmo Oceano parece tremer de susto ao vêr luzir o ferro na mão valente, que vai dar a gloria, a paz, e a liberdade a huma Nação inteira. Guerreiros, que entre os rochedos da Ilha Terceira gemieis saudosos, mas não descoroçoados, lançai mão ás armas, que estão cobertas de pó, por não haverem inimigos que se atrevão a atacar-vos; recebei o vosso General, unico pelo seu valor, e pericia militar, capaz de vos conduzir pela estrada do heroismo ao Templo da gloria. Sois poucos em numero, mas debaixo do mando de tão grande Capitão, tornar-vos-heis infinitos no valor, e os mesmos elementos enfiarão assustados á vista da vossa intrepidez. Que virtude, que attracção não tinha em si este Principe General! Ninguem o via, nem presenciava suas maneiras, que não fosse capaz de morrer por elle. Seu pequeno exercito apenas o vê extasia-se, e hum grito se ouve de todos os corações = a salvação da Patria = e não divisa ante os seus olhos, mais do que Carta, Rainha, Regente, e Gloria. Agora sim, Senhora, que vosso Throno se firma sobre taes columnas será inabalavel, e a corôa que a fera pessima vos roubou, vos será restituida, e com mais gloria, pelas mãos dos vossos fieis subditos, os Portuguezes.

E que me não seja possivel abrir os diques á minha alma, para nas torrentes do meu enthusiasmo levantar ao meu Heróe, e ao seu exercito monumentos de gloria, mais duraveis que o marmore e o bronze, capazes de vencer a duração dos seculos! Senhores, acreditai, que me devora huma verdadeira dor, por vêr-me nas circumstancias de estreitar, e resumir factos, que qualquer delles só

per si bastava para formar hum longo discurso. São tantas e tão preciosas as pedras, que esmaltão o tumulo do meu Heróe, tantas e tao variadas as flores que o enfeitão, que me vejo indeciso na sua escolha, e quando vou a lançar mão de humas, escapão-me as outras; mas vós deveis conhecer que este defeito não procede da vontade, mas sim do receio que me acompanha de fatigar a vossa paciencia.

Alexandre Magno, esse guerreiro tão celebrado na antiguidade, teve o valor com seu exercito de chegar ao Ganges, mas tambem teve a cobardia de não passar avante: o meu Heróe atravessa o Oceano, e posto que seja pequena a sua esquadra, e o seu exercito de sete mil e quinhentos homens, não he capaz de retroceder, que hum Principe dotado de tanta coragem, quando desembainha a espada para vingar a honra, e a Patria ultrajadas, ou morre, ou vence. Praias de Mindelo, a vós estava reservada a gloria de receber o General, e o exercito libertador, que vinha sustentar as Liberdades Patrias á custa dos maiores sacrificios! Sobre vossas margens levante-se hum padrão, que eternize a memoria de hum feito, que não tem igual no mundo, e que por unico, os homens, e os seculos hão de tributar-lhe os seus respeitos, e applausos! O Senhor D. Pedro he o Anjo, que Deos envia a Portugal, como em outro tempo mandou ao Egypto, para com a espada da morte cortar os inimigos de Deos, e do seu Povo. Ninguem lhe resiste, ou para o dizer melhor, tudo foge diante delle, e sua marcha até á segunda Cidade do Reino póde chamar-se huma marcha triunfal! O' Porto, sempre foste grande, mas tua grandeza realça quando acolhes dentro do recinto de teus muros hum Principe guerreiro, que te fará superior ao heroismo daquellas Cidades, que se

immortalizárão pela constancia com que vencêrão assedios, inimigos, e combates!

Vê-se então hum prodigio, que talvez não tenha igual em o nosso seculo: hum Principe religioso sem fanatismo, infatigavel no trabalho, austero para comsigo, indulgente para com os outros, benigno e affavel, tão firme nos perigos, como moderado na prosperidade, procurando encobrir-se, e levando sempre presos a si o amor, e applauso universal: verdadeiro modelo de hum Principe sabio, e virtusso, de hum guerreiro consummado. Tão brilhantes qualidades não podião deixar de deslumbrar os Portuenses, sempre amadores do que he raro, até se unirem ao Heróe da Patria com alma, vida e coração. Senhores, podemos dizer, que está restaurado o Reino. Nem a furia dos elementos, nem as maças enormes dos inimigos poderão fazer baquear huma Cidade de heróes. Verdadeiros Martyres! A fome que soffrem, os perigos que afrontão, as privações que experimentão, a morte que encarão, não he tudo hum verdadeiro martyrio? Mas como he doce para elles soffrer tudo pela Patria, e por hum General, que participa dos mesmos perigos, que apparece nas mesmas trincheiras, que soffre a fome com os seus soldados, que dorme sobre a mesma terra, que bebe pela mesma taça, e que não quer outras distincções além daquellas que lhe tributa o amor! Para que morreste, ó Principe sublime! Com taes qualidades, e com tão valorosos soldados quem sería capaz de resistir-te!

Seu corpo não era de bronze; não podia deixar de resentir-se debaixo de trabalhos tão duros, e tão continuados. Podemos dizer que se levantou acima de si mesmo para levar ao fim a salvação do Estado, e pôr a corôa na cabeça da Rainha. Sabe que

Lisboa se restaura, e com a rapidez do raio, vôa á Capital do Lusitano Imperio, onde se veem brilhar os mesmos prodigios de valor, os mesmos combates, os mesmos inimigos rechaçados, vencidos, e destroçados. Lisboa tem o mesmo General, que tinha o Porto, não podia deixar de colher os mesmos loiros, e cantar iguaes victorias. Ambas as Cidades rivalizão huma com a outra, e igualmente se immortalizão pelos caminhos da gloria. O espirito do Principe parecia communicar-se á todos; cada Portuguez he hum leão quando combate; não ha differença entre cidadãos soldados, e soldados veteranos: todos caminhão ao mesmo fim, a salvação da Patria, e a destruição dos inimigos da ordem. Acaba a usurpação, e Portugal renasce das suas cinzas: todos olhamos para o auctor de tantos bens, como para hum Anjo tutelar, que nos cobrio com suas azas, e nos defendeo com sua espada. Quem, quem deixaría de amar hum tão grande Principe! He natural que vos succedesse a vós o que me succedeo a mim, que apenas o vi, fiquei identificado com elle, e até ao fim da minha vida receberá os votos do meu coração agradecido. Nunca vi hum homem, que mais tocasse, e attrahisse. Se o contemplo como General, elle tocou a méta do heroismo, por que não perdeo huma só batalha; se como Regente, e Legislador, elle governou e deo leis, que quando não houvessem outros monumentos que perpetuassem sua memoria, ellas bastarião para lhe dar hum nome eterno entre todas as Nações do Universo.

Seu coração verdadeiramente paternal nada esquece em beneficio da humanidade, e o dia em que não fazia algum bem, não o contava em o numero dos dias da sua existencia. A promptidão com que visitou a casa dos expostos desta Corte, as provi-

dencias que deo para salvar da morte a tantos innocentes, a quem a natureza envergonhada pelo crime, abandonava em hum sepulcro: os asilos que destinou para os orfãos, e desvalidos: o fogo da caridade que accendeo no coração de tantas matronas illustres e respeitaveis, de quem sua Immortal Esposa se torna o ornamento principal; em tantos varões recommendaveis por sua piedade, e por suas riquezas, tudo prova que o General invencivel era tambem o Heróe Christão, e que não era menos prompto em vencer os inimigos no campo da honra, do que em espalhar a beneficencia no seio da miseria. Ninguem póde negar, que foi o verdadeiro Pai do seu povo, o Protector dos desgraçados, o Admirador e Acolhedor dos homens sabios, o Amigo fiel dos Portuguezes: que em seu coração teve mais imperio a fé, do que a vingança; que nunca se deixou levar do resentimento, tão natural no coração dos Principes; se alguma vez se mostrou injusto com seus amigos, elle se humilhava até ao ponto de lhes pedir perdão: e com seus inimigos se mostrou indulgente, e lhes valeo por muitas vezes, prohibindo expressamente se lhes fizesse mal. Em tudo foi grande: grande em sua vida pela heroicidade das suas acções, e muito maior no leito da sua dor, já a braços com a morte.

Homens ingratos, que vos atrevestes a macular sua conducta, e sua moral; que levados do amor de partido levantastes testemunhos falsos ao maior Principe, que produzio o seculo dezenove; que mostrou com toda a evidencia, que se desejava a vida era só para fazer bem á humanidade, vinde testemunhar o seu heroismo nos ultimos tormentosos dias da sua vida! Vede hum verdadeiro martyr, e talvez a Igreja de Deos tenha muitos que não soffres-

sem tão rigoroso, e dilatado martyrio. As suas dores são os degráos por onde a sua alma sobe cheia de paciencia a buscar em Deos a consolação, e o conforto que precisa nas tristes circumstancias em que se acha. Nem hum só ai, hum só suspiro se lhe ouve: até no seu mesmo padecimento mostra a fortaleza da sua alma, a grandeza do seu heroismo. Seus ultimos dias são divididos entre Deos, sua Esposa, e Filha: entre Deos pelas supplicas que lhe faz, entre sua Esposa e Filha pelos conselhos que lhes dá. Eu morro, dizia elle, como o Patriarca Jacob a seus filhos, e no mesmo paço onde abri os olhos á vida pela primeira vez, devo soffrer o rijo golpe da morte. Senhores! as feridas do vosso coração ainda não estão fechadas, eu tenho de as rasgar de novo, desculpai a minha crueldade: embora choremos a morte de hum Pai, mas aprendamos da sua christã piedade a tornar-nos superiores ao nosso padecimento. Por muitas vezes contrito e humilhado pede perdão a Deos no tribunal da penitencia; quando entra nesta Piscina sagrada parece hum David pelas lagrimas, signaes caracteristicos do seu arrependimento, e sempre que recebe a sagrada communhão, sua alma sente hum contentamento inexplicavel, e com seu confessor, á similhança de Ambrosio e Agostinho, recita o hymno *Te Deum laudamus* em acção de graças.

He natural que como homem tivesse commettido faltas em sua vida; o nosso Heróe não era hum ser privilegiado; mas as suas dores, e paciencia com que as soffre; o seu martyrio, e a resignação com que o offerece a Deos, hão de ter-lhe alcançado da misericordia Divina o perdão de seus peccados. Conhece que a morte já o opprime com sua mão pezada, e antes que descarregue o final golpe,

dá á natureza, o que a Religião não reprova = o testemunho de reconhecimento a sua fiel Esposa, sempre inseparavel do seu lado pelo espaço de hum mez inteiro, consumido em vigilias, sobresaltos, e angustias, e juntando as mãos da Esposa, e Filha, destas duas Pombas innocentes, pede-lhes que sejão inseparaveis no amor, respeito, e amizade até ao fim de seus dias. Os ultimos rasgos da sua alma junto á morte são ainda mais recommendaveis, do que os passos gloriosos da sua vida. Tudo são scenas, que sensibilizão e arrebatão: Eu não tenho pinceis com que as pinte, nem eloquencia com que as descreva. Dá a sua Filha o osculo de paz, aquelle osculo em que está pintado o amor de Pai, aquelle amor, que lhe tirou a vida para segurar-lhe a Corôa: o testamento em que lhe deixa escriptas as suas ultimas vontades... Senhora, não deixeis em tempo algum de as cumprir, que as ultimas vontades de hum Pai moribundo devem ser gravadas com caracteres indeleveis no coração dos filhos consternados. Deos abençoa aquelles que as cumprem, que hum Pai não póde ser injusto no leito da morte, quando já não existem os prestigios da vida. Seu coração como que se dilata ainda para acabar de preencher a tarefa, que lhe tem marcado a sua gratidão: a espada que deixa ao Heróe Esposo, que destina a esta Filha querida, e cuja demora vai principiando a consternar os verdadeiros amigos do Throno: o coração que doa á Cidade do Porto, em prova do grande apreço que fez dos serviços relevantes que prestou á causa da Patria, e da Rainha: a despedida que faz a todos os seus amigos, a benção final que lhes lança como Pai terno e sensivel á sua saudade, nada esquece a este homem extraordinario no leito da sua dor; até a morte como que sen-

sibilisada á vista de huma scena tão patetica, deixa cair da mão a curva fouce, com que corta o debil fio da vida; póde ser que pela primeira vez seja sensivel a tantos encantos: ainda lhe falta observar hum.... e que Portuguez o poderá descrever, ou presenciar sem derramar lagrimas de ternura e reconhecimento! eu chamo as minhas forças todas para dize-lo, vós lhe dareis o valor que elle merece = he a confiança bem fundada, que este Grande Principe põe na Nação Portugueza, quando lhe recommenda sua Esposa, e todos os seus Filhos.

Descança, Alma feliz; tu não fizeste o bem a homens ingratos: sabemos apreciar o quanto vales, e nestas imagens queridas que te representão, e que nos deixas por doação, teremos sempre eternisada a tua memoria, e o nosso reconhecimento. Rei, Regente, General, e Pai... tu o foste de nós todos, e se pedes a tua Filha, que promova sempre a felicidade de Portugal, sustentando a lei e a justiça, por justiça e pela lei Portugal sustentará a gloria da Rainha, de tua Esposa, e de todos os teus Filhos. Teu testamento será religiosamente cumprido em tudo que a nós toca, e cheio desta esperança firme, dá o ultimo suspiro, e acaba a vida.

Morreo, Senhores, este homem portentoso, que devia ser eterno para gloria da Nação Portugueza. Nada he já capaz de o revocar á vida; dorme hum somno socegado no seio dos tumulos: não perturbemos a sua paz com os nossos gemidos; os mortos não querem lagrimas, desejão orações. Juntemos as nossas preces ás dos Ministros do Sanctuario, que neste Templo pedem a Deos a corôa de gloria para o Dador da Carta, hum descanço eterno para o Restaurador de Portugal. Seja este o premio que receba de nós em remuneração dos serviços feitos á Pa-

tria; nada mais grato podemos offerecer-lhe depois que se acabou o prestigio da vida. Deos nos escuta; e a Igreja nossa Mãi nos ensina a pedir: roguemos pois pela Alma do nosso Pai, e verdadeiro amigo. Deos de Misericordia, Deos de Indulgencia, e de Piedade, dai o descanço eterno ao nosso Regente, e a luz perpetua da vossa gloria illumine a sua Alma por todos os seculos de seculos. Amen.

Requiem æternam dona ei Domine, et lux perpetua luceat ei. Requiescat in pace. Amen.

Errata Pag: 12 – em lugar de Scipião deve ler-se Anibal–